

Abaixo-Assinado

Jacarepaguá

Vargens

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano XV • Número 127 • Novembro de 2019 • WhatsApp 97246-2213 • <http://jaajrj.com.br/jaajrj/> • jornalabaixoassinado@yahoo.com.br

Editorial

“O racismo no Brasil é estrutural. Está institucionalizado.”

Uma cena histórica no Maracanã na noite de 13 de outubro de 2019. Os técnicos Marcão, do Fluminense, e Roger Machado, do Bahia, deram as mãos antes do início da partida e comandaram suas equipes vestindo uma camisa estampada com a frase “Chega de preconceito”. Eles são os dois únicos treinadores negros da primeira divisão do Campeonato Brasileiro. O encontro foi proposto pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, que monitora casos de ofensas raciais no ambiente esportivo.



Roger Machado e Marcão na luta contra o racismo no Brasil

“Negar e silenciar é confirmar o racismo”, disse o técnico Roger durante uma contundente entrevista coletiva depois da derrota de seu time para o Fluminense. “Minha posição como negro na elite do futebol condiz com isso. O maior preconceito que eu senti não foi de injúria. Eu sinto que há racismo quando eu vou ao restaurante e só tem eu de negro. Na faculdade que eu fiz, só tinha eu de negro. Isso é a prova para mim. Mas, mesmo assim, rapidamente, quando a gente fala isso, ainda tentam dizer: ‘Não há racismo, está vendo? Vocês está aqui’. Não, eu sou a prova de que há racismo porque eu estou aqui.”

Para Roger, a escassez de técnicos negros no futebol reflete o racismo estrutural da sociedade. Além dele e Marcão, apenas Hemerson Maria, do Botafogo-SP, figura como negro em função de comando entre 40 clubes das séries A e B do Campeonato Brasileiro. “A gente tem mais de 50% da população negra e a proporcionalidade [entre treinadores] não é igual. Temos de refletir e questionar. Se não há preconceito no Brasil, por que os negros têm o nível de escolaridade menor que o dos brancos? Por que 70% da população carcerária é negra? Por que quem morre são os jovens negros no Brasil? Por que os menores salários, entre negros e brancos, são para os negros? Entre as mulheres negras e brancas, são para as negras? Por que, entre as mulheres, quem mais morre são as mulheres negras? Há diversos tipos de preconceito. Se não há preconceito, qual a resposta? Para mim, nós vivemos um preconceito estrutural, institucionalizado”, afirmou com firmeza o técnico Roger Machado.

“Acreditamos por muito tempo no mito da democracia racial. Quando eu respondo para as pessoas dizendo que eu não sou negro diretamente, a ofensa, a injúria, é só o sintoma dessa grande causa social que nós temos”, contou, cobrando do Governo para que as políticas de reparação em favor dos negros não amarguem retrocessos. “A responsabilidade é de todos nós, mas a culpa desse atraso, depois de 388 anos de escravidão, é do Estado, porque é através dele que as políticas públicas, que nos últimos 15 anos foram instituídas, que resgataram a autoestima dessas populações que ao longo de muitos anos tiveram negadas assistências básicas, estão sendo retiradas neste momento.”

“Abemndaverdadeéque10milhõesdeindivíduosforamescravizados.Maisde25gerações.Passoupele Brasil Colônia, pelo Império e só mascarou no Brasil República. Esses casos que vêm aumentando agora, de feminicídio, homofobia e preconceito racial, mostram que a estrutura social é racista. Ela sempre foi racista.”

“Nós temos um sistema de crenças e regras que é estabelecido pelo poder: o poder do Estado, o poder da Igreja, o poder das comunicações. Quando esses poderes não enxergam ou não querem assumir que o racismo existiu e não querem fazer uma correção nesse curso, muitas vezes dizem que estamos nos vitimizamos, ou que há um racismo reverso. É por isso que o futebol, diferentemente de outras áreas da nossa sociedade, nos torna um pouco mais brancos. E faz com que sejamos bem aceitos.”

Vale muito a pena ver, ler e refletir cada ponto do depoimento de Roger Machado, técnico do Bahia e ex-jogador do Grêmio, sobre o racismo em nosso país. Triste, mas maravilhoso, ainda mais para o recorrente preconceito em relação à consciência política de boleiros.

Um Rio de Janeiro sem rumo



Museu Casa do Pontal alagado por conta das construções de prédios ao seu redor. O Plano Popular das Vargens quer inibir o crescimento desordenado da região. Página 5



Adensamento da Baixada de Jacarepaguá é incompatível com a vulnerabilidade local. O PLC nº 141/2019 vai impactar ainda mais a cidade. Página 3



Saída de esgoto de uma galeria pluvial no Canal de Marapendi. A Veneza Carioca hoje é uma latrina a céu aberto na Baixada de Jacarepaguá. Página 8



Você sabe o que é fascite plantar?

Espaço Equilibrates Reabilitação & Saúde
Dr. Cristiane Giannotti - Fisioterapeuta



É um processo inflamatório que afeta a fâscia plantar, membrana de tecido conjuntivo fibroso e pouco elástico, que recobre a musculatura da sola do pé, desde o calcanhar, até a base dos dedos dos pés.

O sintoma característico é uma dor forte, aguda, debaixo do pé, perto do calcanhar, que pode se estender até o meio da sola do pé. Em geral, essa dor é mais intensa pela manhã, mas alivia durante o dia com o caminhar. No entanto, nada impede que ela surja em qualquer ponto da fâscia, depois de longos períodos em pé, após subir escadas ou mesmo depois do repouso prolongado, pois a fâscia tende a se retrair quando não está sendo feito apoio do pé.

A doença se manifesta principalmente entre os 40 e os 60 anos e pode afetar tanto homens como mulheres. Pessoas com sobrepeso, atletas, especialmente os corredores, bailarinos, ginastas, têm maior risco pela prática exagerada dos exercícios físicos. Mulheres que usam sapatos com saltos muito altos com frequência estão mais sujeitas a desenvolver essa condição. Sem tratamento, a dor pode se tornar crônica e provocar alterações na marcha, que revertem em lesões no joelho, quadris e coluna.

A fascite é uma síndrome dolorosa, provocada por inflamação e erroneamente confundida com esporão de calcâneo. A cronicidade da fascite associada à sobrecarga continuada

- Use uma garrafa pet com água morna e role-a sob o arco plantar para frente e para trás durante 10 minutos, facilitando o relaxamento dos pés.

- Massageie a sola dos pés com uma bolinha, se possível pequena e maciça, movimentando em todas as direções na sola dos pés.

- Sente-se com a coluna reta na direção dos pés com as pernas esticadas e tente levar as mãos em direção aos pés para alongar a cadeia posterior profunda, mantendo por 30 segundos, se possível.

- Com a ajuda de um cinto, uma atadura ou toalha, alongue a planta do pé, puxando os dedos para cima em dorsiflexão, ou pé de palhaço.

Esse exercício pode ser feito sentado com as pernas esticadas, ou de barriga para cima, levando a perna esticada em direção ao teto e mantendo a outra dobrada na cama.

Nossos pés precisam de atenção e cuidados! Previnam-se!

pode levar ao esporão, mas eles não são a mesma coisa. O esporão é a calcificação de onde o tendão se prende ao osso, não sendo necessariamente doloroso, ao contrário da característica da fascite que é extremamente sensível e dolorosa.

O tratamento da fascite é conservador, podendo ser feito uso de anti-inflamatórios e analgésicos, mas obtemos resultados satisfatórios através da fisioterapia, já que remédios tratam sintomas, e nesse caso, a intervenção mecânica e funcional tratam o problema sobre os desequilíbrios encontrados na avaliação.

A fisioterapia utiliza efeitos mecânicos da eletro e da termoterapia para analgesia e recuperação tecidual, uso da terapia manual como crocheteagem, liberação miofascial e manipulação da sola dos pés para relaxamento da fâscia e liberação de pontos de dor, como treino de correção de marcha. Também é indicado o método Pilates como atividade física e de reabilitação, por ter vários exercícios de alongamento e reforço muscular dos pés e de todo membro inferior, trazendo benefícios preventivos e de tratamento.

Podemos orientar medidas domiciliares, que podem ser realizadas diariamente, prevenindo a fascite plantar, ao fim de uma atividade física de repetição, ou ao fim de um dia de trabalho exaustivo que exija do indivíduo grande tempo em pé, uso de calçado desconfortável ou inadequado.



Dra. Cristiane Giannotti, Fisioterapeuta do Espaço Equilibrates
Fisioterapia e Pilates
Praça Seca, 50 – sala 401 e 40)
Redes sociais: <https://www.facebook.com/fisicrisgiannotti>
@crisgiannottineopilates
WPP: (21) 98818-2712



Professora Juliana é a nova colunista do **Jornal Abaixo-Assinado**.

Ela irá escrever sobre técnicas de redação. Leia sempre no JAAJ as dicas para mandar bem, com clareza, objetivo e seguindo as regras da escrita formal da Língua Portuguesa, de acordo com o Novo Acordo Ortográfico.

Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

Destaque-se na sua redação

Estudar a gramática é fundamental para a elaboração de textos no padrão da norma culta. Faz-se necessário um bom conhecimento das classes de palavras (morfologia) e das funções dessas classes nas orações (sintaxe), de modo a construir frases coesas, atribuindo coerência a todas as tipologias textuais. A ortografia também é um fator importantíssimo no processo de criação da redação, pois palavras escritas erroneamente podem prejudicar a pontuação final, além de causar uma má impressão. Por isso, a utilização do dicionário é extremamente indispensável, de maneira a escrever os vocábulos com precisão.

Deve-se incluir na rotina de estudos a realização de exercícios de gramática e de interpretação. Eles são essenciais para a fixação do conteúdo e, conseqüentemente, da execução da boa escrita. Interpretar enunciados é primordial para a composição de redações, já que sempre haverá um texto-base do qual precisará uma boa compreensão do que será solicitado. Portanto, criar o hábito da leitura é fator relevante nesse sentido.

Sigam as dicas, façam uma programação através de um cronograma para pô-las em prática, exercitem a produção textual e conquistem o melhor resultado!



Cozinha da Tia Néli

Frango Cremoso Gratinado

Ingredientes

1/2 kg de filé de frango
1 pacote de creme de cebola (culinário)
1 colher (sopa) de vinagre branco
1 colher (sopa) salsinha picada
1 copo de requeijão
1 caixa de creme de leite
1 colher (sopa) cheia de maionese
1 colher (sopa) de mostarda
1 colher (sopa) de molho inglês
Orégano a gosto
Queijo ralado para polvilhar

Modo de Fazer

Misture os filés de frango com o vinagre, o creme de cebola, o orégano, salsinha. A parte faça um creme mustirando o creme



de leite, a mostarda, a maionese, o requeijão e o molho inglês.

Unte um refratário alto coloque a primeira camada de frango e uma camada de creme. Coloque mais uma camada do frango e uma de creme por cima. Polvilhe com o queijo ralado e orégano. Leve ao forno a 200°C até gratinar.

Observação: É rápido, delicioso, prático e não suja quase louça. Uma ótima opção para o almoço de domingo.

Um beijo e um queijo! Tia Néli

EXPEDIENTE
Abaixo-Assinado
Jacarepaguá
Vargens

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC) e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64

Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
<http://jaajrj.com.br/jaajrj/> - Tels (21) 97246-2213

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Conselho Editorial: Alexandrina, Almir Paulo, Anna Karolina, Carla Scott, Carlos Motta, Cláudio Mattos, Humberto Vellozo, Ione Santana, Ivan Lima, João Magalhães, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Micheli Ferreira, Miguel Pinho, Renato Consentino, Renato Dória, Roberto Senna, Severino Honorato, Val

Costa, Valmíria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo

Arte e Diagramação: Jane Fonseca

Mídia Digital: Pedro Ivo

Publicidade: Ivan Lima

**Todo material enviado ao E-mail, Blog e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Meio Ambiente & Turismo

Textos e Fotos
Carla Scott - Ecologista

Entra governo sai governo e nossos parques municipais e estaduais continuam abandonados. Após a denúncia de uma leitora na edição do JAAJ de

outubro passado, sobre o abandono do Bosque da Barra, quem pede socorro agora é o Parque Estadual da Pedra Branca. O Parque sofre muito com o abandono. Sem verba suficiente, a gestão atual não consegue manter as condições mínimas para um bom funcionamento. Com baixo efetivo de guarda-parques, carros quebrados, infiltrações nas construções e constantes furtos no Parque, fica difícil atrair os visitantes.

Após as 18h não há mais a presença de vigias no Parque, o que deixa ainda mais



vulneráveis todas as instalações. Outra preocupação é que, caso haja algum incêndio em uma das vertentes do Parque, os bombeiros terão muita dificuldade de chegar ao local para combater o fogo.

A Trilha das Bromélias e a Trilha do Mel não tiveram continuidade. Estas trilhas, de fácil acesso, ficam próximas à administração, e sempre foram muito visitadas. A Trilha do Mel, inaugurada em 2016, perdeu quatro colmeias em 2018. As abelhas mais raras foram furtadas e, após este episódio, as demais foram retiradas e guardadas em

Parque Estadual da Pedra Branca pede socorro



O abandono é gritante: carro quebrado e infiltrações nas construções

um local seguro.

É triste caminhar pelo local, que era tão bonito, e não conseguir ver a manutenção

e a continuidade dos projetos. Falta cuidado, zelo, assim como em toda a cidade do Rio de Janeiro, infelizmente.



Almir Paulo

"Numa sociedade madura, em que os poderes político e econômico, juntamente com uma consciência coletiva mais amadurecida convergem para o bem comum, esses processos de ajuste e regulação se dão de forma mais dinâmica, consciente e menos sofrida. Ainda não é caso da nossa imatura democracia."
Alex Vieira

A Prefeitura enviou Projeto de Lei Complementar (PLC nº 141) para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro que "estabelece regras de incentivo a empreendimentos residenciais, à produção de habitação de interesse social e ao desenvolvimento de atividades econômicas no território municipal", o que trará consequências impactantes em todos os bairros da cidade. Um projeto de lei que altera os parâmetros de uso e ocupação do solo sem qualquer diagnóstico, sem estudos, sem demonstração de impactos em relação à proposta legislativa.

A indignação e as reclamações relativas ao PLC nº 141 foram manifestadas nas duas audiências públicas (dias 6 e 12 de novembro) realizadas na Câmara dos Vereadores, que contaram com a participação de represen-

tes de associações de moradores, da Famrio, do IAB e de diversas entidades. O sentimento de todos os presentes nas audiências é de que as alterações propostas pela Prefeitura do Rio irão impactar a qualidade de vida dos cariocas em prol dos interesses das construtoras, favorecendo a especulação imobiliária.

Um exemplo danoso: permite a construção de imóveis acima da cota 100. Isso significa desmatamentos das áreas verdes. Abílio Tozini, presidente do Conselho de Representante da Famrio, foi categórico ao dizer que o projeto de lei é nocivo à cidade por permitir construções em encostas.

Vários representantes salientaram que o PLC nº 141/2019, que passou a tramitar na Câmara de Vereadores no dia 21 de outubro de 2019, e que altera substancialmente o uso e a ocupação do solo, sequer foi submetido, previamente, ao Conselho Municipal de Política Urbana da Cidade – Compur. Isto demonstra o desdém das autoridades executivas e legislativas para com qualquer órgão que tenha representação da sociedade, recusando-se a ouvi-lo, ainda que minimamente.

Muito estranha a rapidez das 12 Comissões da Câmara Municipal que deram "parecer" favorável ao projeto em apenas três dias úteis. Incrível a competência, o conhecimento urbanístico e a velocidade desses vereadores com seus pareceres em relação a um projeto

Projeto de Lei Complementar nº 141 favorece a especulação imobiliária em Jacarepaguá e em toda a cidade

NÃO AO PLC 141

O Rio não merece mais um desastre



COMPAREÇA À AUDIÊNCIA! 12/11
AUDITÓRIO DA CÂMARA DOS VEREADORES, CENTRO - RJ 10:00

que mexe com a vida da cidade.

Na cidade do Rio de Janeiro, dita Capital Mundial da Arquitetura 2020, é assim que a legislação urbanística é "tocada": à base do chute e do improviso, porque o que vale é manter os privilégios do capital, das empre-

sas construtoras.

Segue o link do PLC nº 141/2019 para seu conhecimento e análise: <https://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro1720.nsf/1ce2ce7b3cdf59b90325775900523a3f/8c5fd53e3ed254e83258495006c8a0e?>

À deriva



Miguel Pinho
Diretor do Sindicato Estadual
dos Profissionais da Educação
do Rio de Janeiro (SEPE)

Parece-me inédito na história do Brasil o apetite e a brutalidade para reformas profundas no mundo do trabalho e do Estado brasileiro pelo governo Bolsonaro. O seu guru econômico, Paulo Guedes, incorpora uma espécie de espírito animal da burguesia nacional, que historicamente foi submissa e sócia menor do imperialismo, sem capacidade e vontade de construir um projeto autônomo e soberano para o país. Esse programa maximalista de destruição dos serviços públicos, de desmanche das conquistas da Constituição de 1988 e destruição da CLT tem passado com tranquilidade e com focos de resistência muito aquém do necessário.

Os sindicatos, os partidos de esquerda e os movimentos sociais parecem à deriva e incapazes de esboçar alguma reação que tenha efeito significativo. A exemplo da Reforma da Previdência, que por mais que eu avalie que não existia correlação de forças na sociedade e no parlamento para derrotá-la, poderíamos ao menos ter feito o governo amargar impopularidade por aprovar um projeto tão draconiano. Perdemos a chance de realizar uma grande campanha, com banquinhas por todo o país expli-



Toda vez que surge uma denúncia contra Bolsonaro, seus filhos fazem apologia a ditadura militar

cando ao povo os malefícios da reforma e colocando ela na conta do Bolsonaro. Mas saiu barato a sua aprovação, quase de graça.

Teremos em breve uma reforma administrativa e tributária que tem tudo para normatizar o subfinanciamento aos serviços públicos e destruir o funcionalismo. Um novo pacto federativo pode ser a pá de cal necessária para a ascensão do coronelismo municipalista para acabar de vez com qualquer tipo de controle público do uso de recursos e permitir todo o tipo de bandalha.

bom, né?).

Eu acho que o povo brasileiro precisa fazer sua experiência com o governo Bolsonaro e só depois do balanço disso que teremos um caminho mais livre para agir e propor alternativas. Mas não custa nada acelerar a percepção do desastre que é esse governo com atividades de rua, campanhas, cartilhas, vídeos, palestras, comitês de bairro e coisas que todos nós sabemos organizar. Se a ficha demorar muito a cair, pode não sobrar Brasil para disputar em 2022.

Saiba como levantar recursos para instituição do terceiro setor

Nesse mês, o Jornal Abaixo Assinado mostra uma reportagem com a advogada e assistente social Lúcia Guedes Pereira Pinheiro. Ela é consultora e especialista em Gestão de Políticas Públicas na Área do Terceiro Setor. A Dra. Lúcia fala da importância da Lei nº 13.204/2015, conhecida como Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil.

JAAJ: Como foi o processo que visou regulamentar as parcerias entre a administração pública e as Organizações da Sociedade Civil?

Lúcia: O processo foi o resultado de uma articulação política em face do agravamento evidenciando durante as CPLs das ONGs, que se iniciou em 2010 através de um grupo de trabalho pelas Organizações da Sociedade Civil voltadas a estudar e propor melhorias no ambiente normativo das parcerias públicas e privadas, tendo como finalidade avaliar, rever e propor aperfeiçoamento relativo às execuções de programa e Projetos sociais de interesse público e da sociedade. Após amplo debate, foi sancionada a Lei de n. 13.019/2014, alterada pela 13.204.2015, denominada de Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil.

JAAJ: Qual é a importância da Lei nº 13.204/2015 para a sociedade como um todo?

Lúcia: Essa lei é de suma importância tendo em vista que ela busca valorizar as entidades classificadas como OSC, trazendo mais segurança jurídica e efetivação dos recursos públicos recebidos para consecução das atividades voltadas para população. Ela cria os Conselhos de Monitoramento e Avaliação, com previsão de monitoramento e avaliação de todas as etapas no procedimento e execução dos atos e atividades voltadas

para OSCs.

JAAJ: Qual seria o impacto para o chamado Terceiro Setor?

Lúcia: Todos pensam que o Terceiro Setor está voltado para apenas ações altruístas e filantrópicas, sem fins lucrativos. O fato que o Terceiro Setor gera empregabilidade para milhões de pessoas, além de fomentar o desenvolvimento sustentável e promover o desenvolvimento socioeconômico, sendo a oitava força econômica mundial de trabalho, movimentando mais de 1.1 trilhão de dólares por ano, gerando aproximadamente 10,4 milhões de empregos. Conforme dados do IBGE, no Brasil existem mais de 400 mil OSCs atuando em diversos estados e municípios.

JAAJ: Como ficaria a situação das OSCs que usaram dinheiro público de forma ilícita a partir dessa Lei?

Lúcia: Apesar do grande valor social agregado pelas OSCs, fruto de seus trabalhos, contribuições e generosidade, casos isolados macularam a grandeza do trabalho realizado por organizações sérias e comprometidas com as causas sociais. Creio

que tais fatos não acontecerão tão facilmente, já que a nova lei possui atos normativos capazes de não incentivar atos ilícitos. A Nova Lei representa uma verdadeira evolução normativa no implemento das parcerias do Terceiro Setor com o setor público. A Lei reforçou a responsabilidade dos servidores públicos, incluindo a Lei Federal de n. 8429/1992 conhecida como a Lei de Improbidade Administrativa e ainda de reforçou o monitoramento e a avaliação para facilitar a verificação da prestação de contas via internet. Todos poderão acompanhar a movimentação dos recursos públicos em cumprimento ao objetivo da parceria.

**NÃO SABE COMO
CAPTAR RECURSOS
PARA SUA INSTITUIÇÃO
SEM FINS LUCRATIVOS?**



PARTICIPE DO WORKSHOP GRATUITO

**CAPTAÇÃO DE RECURSOS PARA
INSTITUIÇÕES DO TERCEIRO SETOR**

Baseado na nova Lei Federal 13.204/2015

DIA 26 DE NOVOBRRO DE 2019, ÀS 18:30,

RUA CÂNDIDO BENÍCIO Nº 2.156 - PRAÇA SECA

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES: (21) 981929658

Evento tem apoio da Associação dos Moradores da Praça Seca

Notícias das Vargens & Camorim

Agroecologia resiste na Baixada de Jacarepaguá



A eterna luta quilombola

*Carlos Matta
Morador de Vargem Grande
e Professor de Geografia da
Rede Municipal.*

Em 2014, após lutas e resistências de várias gerações, finalmente a certificação dos quilombos de Vargem Grande e Camorim se concretizou.

Entretanto, a demarcação de seus territórios não foi efetivada, e isso continua gerando insegurança diante de uma cidade marcada pela especulação imobiliária e grilagem de terras.

O Incra, órgão responsável pela delimitação, não vem avançando em suas ações, na obscura era Bolsonaro, muito pelo contrário, o preconceito contra o povo negro só cresce, já que em depoimento discriminatório o morador do condomínio Vivendas da Barra disse que: “os quilombolas não fazem nada” e que “cada um pesa mais de sete arrobas”.

O triste é que mesmo com essa fala, a segunda instância da justiça federal arquivou o processo em que o presidente respondia por racismo. Ou seja, a luta continua.

Comunidades quilombolas cariocas

O Cafundá Astrogilda está em Vargem Grande e é um dos quatro quilombos que existem dentro do perímetro urbano da cidade do Rio de Janeiro. Dois estão no Parque Estadual da Pedra Branca e foram reconhecidos apenas no ano passado pela Fundação Cultural Palmares: a comunidade quilombola Camorim, no Maciço da Pedra Branca, em Camorim; e a Cafundá Astrogilda, em Vargem Grande. As outras estão na Pedra do Sal e na Sacopã.



Foto de Julia Gimenez

O Comitê de Mulheres da Zona Oeste, bem como outros movimentos sociais, sempre na luta dos quilombos da Baixada de Jacarepaguá



Texto da Articulação do Plano Popular das Vargens

Desde o tempo da escravidão, a agricultura é uma das principais atividades da região, conhecida como Sertão Carioca. A paisagem rural é marcante, e as comunidades tradicionais resistem. Do maciço à Baixada, são legítimos remanescentes, preservando seus costumes, guardiões, e naturalmente mestres da agroecologia, termo muito usado pela academia, embora sua origem tenha vindo dos saberes ancestrais, quilombolas e povos originários. Entre suas práticas, estão o respeito à natureza, aos meios de trabalho e às diversidades.

Nos últimos 30 anos, a região vem sendo ameaçada por um crescimento desordenado, que prioriza a elite, penalizando os moradores tradicionais de várias maneiras, seja localizando-os em áreas de risco ou preservação ambiental, seja no caminho do progresso, em casos de projetos de vias públicas em cima de comunidades. A falta de água e saneamento e o transporte precário forçam a saída de muitos moradores, além de práticas mais violentas, porém comuns, que o Poder Público, fortalecido pela iniciativa privada, promove, como remoções forçadas.

Defender a agroecologia como modo de vida e introduzi-la no planejamento da cidade é preservar a região e seus moradores, mas também contribuir com a sustentabilidade das futuras gerações. Em defesa da vida, a juventude do projeto “Morar e Plantar nas Metrôpoles” convida para o evento “Jovem Cultural: agroecologia pela consciência negra e pelo combate à violência contra a mulher”, dia 24 de novembro, no largo de Vargem Grande, mesmo local da Feira da Roca, Agroecologia e Cultura, de 11 às 17h, com patrocínio cultural do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU-RJ). Mais informações em: <https://www.facebook.com/FeiradaRocaVG/>.



Foto de Giovanna Berti

Mutirão do tira caqui no Maciço da Pedra Branca



Foto Militiva, imagem do vídeo, Rios em Luta, Mulheres e Água em movimento na zona oeste

Em defesa do bem viver da cidade

Texto da Rede Carioca de Agricultura Urbana

Os projetos e as leis apresentados pelos governantes, nos últimos tempos, como os Planos de Estruturação Urbana (PEUs), as leis de uso e ocupação de solo, e o próprio Plano Diretor dizem que o Rio de Janeiro é cem por cento urbano. Além de causarem inúmeros problemas e desafios, tais como a impermeabilização do solo, que provoca alagamentos na Baixada, deslizamento nas encostas e desequilíbrio nas florestas, secando as nascentes, não atendem as demandas dos moradores, como educação, saúde, transporte, água e esgoto.

A Rede Carioca de Agricultura Urbana, composta por pessoas que plantam, comem e entendem a importância da agricultura urbana para a sustentabilidade do planeta, é o nosso elo, há 10 anos, trabalhando nos territórios e ocupando espaços como o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, Conselho de Segurança Alimentar e Nutricional e na construção de projetos de leis e frentes parlamentares de segurança alimentar e agricultura urbana.

Em 2016, para se defender do PEU das Vargens, a população local, com o apoio de universidades, como UFRJ, UFF, UFRJ, além da Rede Carioca de Agricultura Urbana e outras parcerias, criou o Plano Popular das Vargens, apresentado em audiência pública em 2017, que tem como pilar fundamental o direito à moradia e à agricultura, contra as remoções, entendendo que morar e plantar caminham juntos, no modo de vida local.

Atualmente, o Plano Diretor da cidade está em processo de revisão, e a população está sendo convidada a participar e propor tudo que é importante para os próximos dez anos. Reconhecer o zoneamento rural e agrícola é fundamental para que essas pessoas acessem políticas públicas destinadas à agricultura. Porém também tramita em caráter urgente o Projeto de Lei Complementar (PLC) nº 141 que, se aprovado, causará grande impacto no meio ambiente e nas comunidades tradicionais.

Dê sua opinião sobre o Plano Diretor no seguinte site da Prefeitura: <https://plano-diretor-pcrj.hub.arcgis.com/>.





Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Texto e foto - Professor Rendo Dória

Educação antirracista nos Quilombos da Baixada de Jacarepaguá

No início da década de 2000, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) sofreu significativa alteração, que corresponde a uma importante conquista das lutas históricas do Movimento Negro no campo da educação brasileira: a introdução da obrigatoriedade do Ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e Africana nos currículos dos estabelecimentos de ensino públicos e particulares da Educação Básica.

Esta alteração veio com a sanção da Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 e, visando orientar as ações da comunidade escolar no sentido de sua aplicação, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou a Resolução nº 1, de 17 de março de 2004, e com ela o Parecer nº 3/2004, do Conselho Pleno do CNE, que instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

A partir de então, professoras, professores e demais profissionais que atuam nas escolas da Educação Básica do país, cientes das desigualdades e discriminações que atingem a população negra, passaram a contar com um importante documento legal que tem por princípio: a consciência histórica e política da diversidade; o fortalecimento de identidades e direitos; as ações de combate ao racismo; e a discriminações (BRASIL, 2004B, p. 17). Ações pedagógicas que têm por objetivo o combate ao racismo e à discriminações étnico-raciais de qualquer tipo são consideradas exemplos de educação antirracista.

Na Baixada de Jacarepaguá, para além dos muros das

escolas públicas e particulares da região, o Quilombo do Camorim Maciço da Pedra Branca e o Quilombo Cafundá Astrogilda, em Vargem Grande, realizam uma série de atividades educativas que afirmam a importância da valorização do resgate histórico e da herança cultural das populações afro-brasileiras, africanas e indígenas que povoaram este território ao longo de mais de 500 anos. As atividades vão além das já conhecidas datas que celebram a consciência negra no mês de novembro, as folias de carnaval e o jongo, nos meses de julho/agosto.

No Cafundá Astrogilda, as atividades da Escola Quilombola envolvem oficinas de artesanato de diversos tipos, além de aulas de alfabetização e reforço escolar oferecidos para a população local. No Camorim, as atividades oferecidas pela Associação Cultural Quilombo do Camorim contam com aulas de capoeira, jongo e maculelê, e ainda com oficinas de horta orgânica e fotografia, também oferecidas para a população local. E ambos os quilombos realizam dois excelentes projetos educativos com escolas da Educação Básica do Rio de Janeiro: o projeto Ação Griot, no Quilombo Cafundá Astrogilda, e as oficinas de Vivência, no Quilombo do Camorim, realizadas no Sítio Arqueológico do Engenho do Camorim.

Atendendo professoras, professores e estudantes do Ensino Fundamental e Médio das escolas, as atividades envolvem um dia de vivência sobre a história e as práticas culturais dos dois quilombos. Essas ações contribuem para a promoção da consciência histórica e política da diversidade étnico-racial na formação da cidade do Rio de Janeiro e na história do Brasil. Contribuem, também,



Oficina de Vivência no Quilombo do Camorim com estudantes da rede estadual de ensino. 19/10/2019.

para o fortalecimento de identidades de matriz africana, rompendo com os sentimentos de inferioridade negra e superioridade branca que tanto marcam os julgamentos fundamentados em preconceito racial. É aí que está a importância das atividades educativas dos Quilombos de Jacarepaguá.

Mais do que nunca, hoje em dia é preciso investir na educação de jovens capazes de exercer a cidadania numa sociedade multiétnica e pluricultural como a nossa, em que o exercício pleno da democracia está vinculado à eliminação do racismo e de todas as formas de discriminação e preconceito, pois, numa sociedade em que as populações negras sentem no dia a dia o peso e os efeitos sociais do racismo estrutural, combater o racismo, as discriminações e demolir as posições de hierarquias forjadas em desigualdades raciais e sociais são uma obrigação de todos os cidadãos comprometidos com a democracia. Essa é a tarefa de uma educação antirracista em uma sociedade que tem a marca da escravidão sobre os antepassados de negros e negros brasileiros.



Sempre gostei de escrever. Desde que me entendo por gente. Ou melhor, desde que aprendi a ler e a escrever. Comecei muito cedo. Com 4 anos, a garotinha aqui já era alfabetizada.

Bem, o fato é que, mesmo adiantada, segui em frente e, aos 16 anos, já estava na faculdade. Por que escolhi Comunicação, sendo apenas uma adolescente? Porque sempre gostei de escrever ora.

Engraçado como a vida vai nos levando por caminhos que, por vezes, nos distanciam da nossa essência. Não que isso seja ruim. Pelo contrário! No meu caso, cursei Comunicação e, após alguns estágios, acabei indo para a área comercial de uma empresa de Telecom, na década de 1990. Comecei trabalhando em loja, com a intenção de ir para o marketing. O que eu não sabia é que vendas é algo tão legal, estimulante, que vicia e apaixona. E lá se foram 20 anos de área comercial.

A vida, que tanto planejamos, às vezes nos apresenta caminhos alternativos. E então aquilo que pensávamos que só seria um atalho, pode nos levar a uma grande caminhada, que significará uma carreira e boa parte da nossa vida até então. Esse atalho de 20 anos que tomei, de alguma

Medo de uma página em branco

maneira, me afastou desse meu amor pela escrita: pela falta de tempo, pelo trabalho, pelas circunstâncias que, por vezes, nos distanciam do nosso propósito.

No entanto, acredito que o que vivi até aqui talvez me faça escrever melhor hoje, uma vez que tenho o dobro de experiência do que tinha na época.

Antes de começar a escrever este texto, fiquei olhando a página em branco, pensando se deveria começar. Tive medo do que as pessoas iriam pensar. Medo de meter algum erro de português. Medo de começar algo novo, dar o próximo passo e me reencontrar comigo.

Quantas vezes deixamos de fazer algo pensando no que os outros vão achar? Quantas vezes temos medo do novo? Quantas vezes temos medo de nos encontrar conosco?

A verdade é que a vida é uma página em branco, que se apresenta para nós todos os dias. O que escrever nessa página é uma escolha. Se vamos ter a coragem de começar a escrever algo diferente, também é uma escolha. Eu acordei, meditei, olhando para a página em branco, e simplesmente dei o passo seguinte. COMECEI.



Acesse o Blog e o Facebook do Jornal Abaixo-Assinado de Jacarepaguá e das Vargens
 Blog do JAAJ <<http://jaajrj.com.br/jaajrj/>>
 Facebook <[jornalabaixoassinadodejacarepagua](https://www.facebook.com/jornalabaixoassinadodejacarepagua)>

Cintia
Travassos

Feira Cultural Quintal da Taquara

Dia 24 de novembro e dias 14 e 15 de dezembro edição Natal

Tai Nae, carioca da gema de 29 anos, é cantora, compositora e tem muito estilo. Atualmente, ela faz parte de uma banda composta por um talentoso trio de mulheres: Tai Nae na percussão e vocal, Tai Gomes no vocal e violão e Lui Vieira no baixo. A cantora começou sua carreira artística no projeto Zaia, há 5 anos, e acredita muito na formação de bandas, apesar de hoje haver uma grande competitividade. Sua linha de trabalho aposta em mesclar estilos musicais como rap, reggae, soul e MPB, tendo como musas inspiradoras as cantoras Bia Ferreira, Doralyce e Luedji Luna.

Querem ouvir uma boa música? Compareçam na Feira Cultural Quintal da Taquara, que será realizada na praça Cândido da Silva Mendes, na rua Alberto Sampaio, próxima à estrada Rodrigues Caldas, Taquara, no dia 24 de novembro. O evento é em homenagem ao Novembro Azul e à Consciência Negra, e nele todos poderão conferir o talento de Tai Nae e sua banda estilosa e carismática, desfrutando de uma tarde agradável, num ambiente familiar, com muita música, dança, teatro, intervenção artística, oficinas de artesanato e muita diversão.

A Feira Cultural Quintal da Taquara Edição Natal acontecerá nos dias 14 e 15 de dezembro, das 16 às 22h. Uma ótima opção para comprar seus presentes de Natal.

Não fique fora dessa! Pestigie nossa feira!

IV Prêmio Miriam Mendonça de Cultura Regional e Popular 2019

O Centro Cultural Professora Dyla Sylvia de Sá recebeu, no dia 9 de novembro, uma série de personalidades e representantes dos movimentos sociais para o tradicional Prêmio Miriam Mendonça. Nesse ano, os homenageados foram: Osmar de Souza Nugueti, Elvis Luiz Henrique, Ary Pestana, o coletivo Cine Taquara e a Associação Cultural Quilombo do Camorim. O nome da premiação é uma homenagem a artesã, ativista cultural e militante política Miriam Mendonça.

Isabel Alves, Damião Duarte, Wladimir
Figueiras e Bruno Lima.Tai nae e sua banda marcará presença dia 24 de
novembro no evento.

Foto: Cintia Travassos

Momento de descontração dos visitantes



Foto: Luciana Ezarani

Espetáculo Beleza Negra com o Grupo Teatral
AslucianasIsabel Alves, Jorge da Costa Pinto, Ary Pestana
e Jorge Faria.

Festival de Arte Urbana

Por diversos motivos, com o decorrer dos anos, as favelas têm ganhado um novo papel de destaque na mídia e no imaginário carioca. Contudo, permanece em parte o desconhecimento sobre as pessoas que moram nessas localidades, suas demandas, expectativas, desejos e potencialidades.

Nesse contexto, o Instituto de Tecnologia em Fármacos (Farmanguinhos/Fiocruz) e a Sociedade de Promoção da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz) promovem o Festival de Arte Urbana, iniciativa que tem como objetivo promover desenvolvimento cultural na Cidade de Deus. O evento será realizado de 19 e 24 de novembro na Avenida Comandante Guarany, e terá a participação de 15 artistas locais.

Eles retratarão os 50 anos da Cidade de Deus de forma lúdica, a partir da arte de rua e música, mostrando para o público o sucesso da mistura desses universos. De maneira educativa e interativa, a proposta visa a contribuir diretamente para a revitalização e o embelezamento paisagístico e arquitetônico do território, bem como a construção da transversalidade, ressaltando a importância da educação ambiental, já que a arte de rua interage com o meio.

Nesse sentido, os artistas transformarão os 350m² de muro, que se estende ao longo da via, em painéis, apresentando a história da Cidade de Deus, desde a origem da comunidade, sua gente, personalidades, cultura, religiosidade e as paisagens da favela. Grafiteiros e muralistas que quiserem, de forma voluntária, registrar seus trabalhos, e expressar seus olhares e cores, terão espaço livre para criação e serão bem acolhidos.

Neste festival, o meio ambiente também terá destaque com as oficinas lúdicas dos projetos Eco rede, Pintando na Praça e Eco tampas, do artista plástico Alfredo Borrett. A Comlurb e o projeto Rio Novo Olhar farão um mutirão paisagístico, transformando o local do lixo em um espaço de lazer. Além disso, haverá oficinas, exposições, apresentações de grupos de música, com espaço aberto para as culturas do Hip Hop, Islã, dentre outras.

O Festival de Arte Urbana é impulsionado pela lei de incentivo à cultura ISS e conta com patrocínio da AMIL Saúde. O projeto tem cunho coletivo, construído de forma participativa por instituições de base comunitária e com apoio de órgãos públicos e organizações.

Programação

De 19 a 23 de novembro - 9h às 17h

- Intervenção no Muro na Av. Comandante Guarany – Cinco equipes estarão pintando e grafitando os 350m² de muro. Os painéis estarão divididos por cada década dos 50 anos de história da Cidade de Deus. Com a curadoria do ator e artista plástico, Nélio Fernando, e da artista plástica, escritora e ilustradora, Rosalina Brito.

23 de novembro - 13h às 19h

- Oficinas de educação socioambiental – Eco Rede
- Oficina de imãs de geladeira com tampinhas de metal – Ecotampas - Artista Plástico Ricardo Borrett
- Oficina escrita poética - Poesia de Esquina
- Apresentação de dança - Companhia Trevo
- Batalha de Rap - Batalha 2 Crias
- Apresentação de Hip Hop - Rapper Mia
- Microfones livres
- Intervenções de grafismo livres
- Charme, soul e funk - DJ Evaldo

24 de novembro - 10h às 12h

- Oficina de Educação socioambiental – Eco Rede
- Oficina de artes – Coletivo Pintando na Praça



Artistas que participam do Festival de Arte Urbana

Alexandre do Ó, Alexandre José Roberto Alves de Oliveira (Xandy), Alexandre Machado dos Santos (Xandão), Benson da Silva Martins, Breno Braga de Souza Assis, Heloisa Santiago, João Vitor Cardoso D Albuquerque (Thejo), Josué Roberto Alves de Oliveira (Duel), Leandro Pinto de Moura (Ice), Leandro Silva de Azevedo (Mac), Nélio Fernando Gonçalves Ferreira, Roberto Senna De Carvalho (Cabral), Rosalina Brito, Thiago Coutinho Machado e Xanctus Joane Vaz Junior.



As águas de Jacarepaguá: a Veneza Carioca se transformou em uma latrina a céu aberto

Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa - Texto e fotos

A Assembleia Geral das Nações Unidas proclamou a década 2018-2028 como a “Década Internacional para Ação: Água para o Desenvolvimento Sustentável”, que começou no Dia Mundial da Água, em 22 de março de 2018, e terminará no dia 22 de março de 2028. Muitos especialistas entendem que os danos ambientais e as mudanças climáticas estão gerando graves problemas hídricos em todo o mundo.

O território brasileiro possui 12% de toda a água doce do planeta. Ele está dividido em 12 regiões hidrográficas: Bacia Amazônica, Bacia Tocantins Araguaia, Bacia do Paraguai, Bacia Atlântico Nordeste Ocidental, Bacia Atlântico Nordeste Oriental, Bacia do Paraná, Bacia do Parnaíba, Bacia do São Francisco, Bacia do Atlântico Leste, Bacia do Atlântico Sudeste, Bacia do Atlântico Sul e Bacia do Uruguai. A Lei nº 9.433/1997 estabelece que a água é considerada um bem de domínio público e um recurso natural limitado, dotado de valor econômico. Segundo a mesma lei, a água deve ser disponibilizada para as gerações presentes e futuras e utilizada de maneira racional.

O município do Rio de Janeiro possui 267 cursos d'água, muitos deles foram aterrados, retificados ou canalizados ao longo do processo de expansão da área urbana da cidade. Em 2016, a Fundação SOS

Mata Atlântica fez um estudo sobre a qualidade da água de 15 rios da cidade. Em 10 deles a qualidade foi considerada ruim. As metas firmadas com o Comitê Olímpico Internacional para a despoluição dos corpos hídricos da cidade até agora não foram cumpridas e os nossos rios agonizam lentamente.

A Bacia Hidrográfica da Baixada de Jacarepaguá é uma planície litorânea localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Com cerca de 300 km², ela abrange as Regiões Administrativas de Jacarepaguá, Barra da Tijuca e Cidade de Deus. Essa bacia é formada pelos rios que descem das vertentes dos Maciços da Tijuca e da Pedra Branca, além das lagoas da Tijuca, Camorim, Jacarepaguá, Marapendi e Lagoinha. A drenagem tem como destino inicial esse complexo lagunar e, posteriormente, o Oceano Atlântico. Da área total da bacia, 176 km² são terras drenadas pelos rios. Esses rios e lagoas tiveram uma grande importância econômica para a região. Enquanto os cursos d'água eram usados para escoar uma parte da produção local de açúcar e anil durante o período colonial, as lagoas abrigaram a Colônia de Pescadores Z 14 durante a primeira metade do século XX.

A Bacia Hidrográfica da Baixada de Jacarepaguá sofreu várias intervenções



Rio Tindiba completamente poluído

humanas nos últimos 50 anos. O assoreamento acelerado, o lançamento de esgoto industrial e doméstico, a urbanização desordenada e a retificação dos cursos hídricos interferiram diretamente na dinâmica dessa bacia, causando uma série de problemas socioambientais. Um bom exemplo desse processo de degradação é o complexo lagunar: a Lagoa da Tijuca tem cerca de 6,5 milhões de metros cúbicos de lama e lixo em suas águas e o espelho d'água da Lagoa de Jacarepaguá está repleto de gigogas – plantas aquáticas que dependem da presença de



Lançamento de esgoto no Rio Grande

esgoto para proliferarem.

O projeto Veneza Carioca, que visa tornar navegáveis os canais e os rios de Vargem Grande, Vargem Pequena e Camorim, ainda está no papel e deve ser visto com ressalvas, pois poderia adensar ainda mais uma área em que apenas 28% das casas possuem saneamento básico.

Caminhada Histórica

O Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá (IHBAJA) realizará, no dia 30 de novembro, uma caminhada histórica até o Núcleo Camorim do Parque Estadual da Pedra Branca. Essa atividade faz parte do projeto “Trilhas de Jacarepaguá: Caminhando pela Nossa História”, que visa apresentar alguns aspectos do patrimônio cultural, histórico e natural da região de forma lúdica e interativa. O evento integra a programação da Semana Fluminense do Patrimônio e será gratuito.

Horário: 9h

Ponto de encontro: Estrada do Camorim, 925 – na porta da Capela de São Gonçalo de Amarante.



Saída de esgoto de uma galeria pluvial no Canal de Marapendi



Saída de esgoto na Lagoa de Marapendi

